

## **Textos Preliminares para o XII Encontro Nacional da EPFCL/AFCL – Brasil**

### *PRELÚDIO 5*

#### **Os limites da interpretabilidade**

Sonia Alberti

No item c) “A significação oculta do sonho”<sup>1</sup> de uma pequena sequência de textos sobre o sonho, Freud cita um exemplo do fato de que, na interpretação do sonho, temos acesso não somente ao conteúdo recalado inesperado, mas também “entreouvimos o pensamento pré-consciente nos estados em que verifica sua própria situação interna e que não foram conscientizados durante o dia”<sup>2</sup>: a simbolização. Observa que a simbolização não é, de forma alguma, uma questão onírica, mas um tema do pensamento arcaico, de nossa “língua fundamental”, como o expressara acertadamente o paranóico Schreber [sic]. Ele acrescenta que o sonho não tem a exclusividade de ocultar de forma privilegiada conteúdos significativamente sexuais, estes também são ocultados nos mitos e nos rituais religiosos, por exemplo. Em consequência, Lacan observa em seu Seminário 3 que “não há nada de comum entre o inconsciente e o oculto”.

No item a) dessa mesma sequência de textos, “Os limites da interpretabilidade”, Freud depreende “que o sonho é uma entidade psíquica interpretável de maneira geral, mas nem sempre a situação permite a interpretação”<sup>4</sup> e que às vezes não dá para verificar se a interpretação inclui ou não pensamentos pré-conscientes que podem ter se expressado pelo mesmo sonho. Então, o sentido demonstrado, corroborado, é aquele sustentado pelas associações do sonhador e da avaliação da situação; o que não implica que outro sentido deva ser sempre descartado. Ele continua possível, apesar de não demonstrado (unerwiesen); é preciso familiarizar-se com o fato de tal pluralidade (Vieldeutlichkeit) na interpretação dos sonhos. A pluralidade nem sempre deve ser tomada como responsável pela incompletude do trabalho da interpretação, pois essa responsabilidade pode advir igualmente dos próprios pensamentos oníricos latentes – ou seja, inconscientes. Quanto ao fato de ficarmos inseguros sobre se uma expressão que escutamos, uma informação que recebemos, deve ter esta ou aquela interpretação (Auslegung), sobre a possibilidade de, além de seu sentido evidente, ainda se indicar (andeuten) alguma outra coisa, isso também vivemos em vigília e, portanto, externamente à situação da interpretação do sonho.

Não é a primeira vez que Freud se utiliza do termo Auslegung para a interpretação, normalmente expressada pela palavra Deutung. Já na “Interpretação dos sonhos” se valera, algumas vezes, desse artifício. Em quê ele nos serve senão a pluralizar a interpretação?

Se é verdade, como Freud estabelece em 1925, que a análise de um sonho, orientada a partir das associações do sujeito em análise, pode privilegiar os pensamentos pré-conscientes que não foram conscientizados durante o dia, e se é verdade que a incompletude do trabalho da interpretação pode advir igualmente dos próprios pensamentos oníricos latentes – ou seja, inconscientes, então esse texto de Freud já leva em conta um inconsciente que não sabe – cuja falta de representabilidade é substituída, no material onírico, pelos pensamentos pré-conscientes –, o que o aproxima de um inconsciente real. Este não visa senão “evitar a perturbação do sono” – o ganho de prazer, a *Mehrlust* (prazer a mais), o gozo. Eis onde, em Freud, já se pode identificar a disjunção entre inconsciente e interpretação, explicitada por Lacan em 1976: “Quando [...] o esp[acho] de um laps[o] já não tem nenhum impacto de sentido (ou interpretação), só então temos certeza de estar no inconsciente”<sup>5</sup>.

O sonho é operação de ciframento feita para o gozo, para que nesse ciframento se ganhe esta coisa que é essencial do processo primário, a saber, o ganho de prazer. Eis onde Freud faz matemática e onde ele é lacaniano. Lá onde o ciframento se basta, nada atrapalha a função do sonho: a de ser o guardião do sono. Se, inicialmente, o desejo é indestrutível, fundamentalmente porque ele é sempre o mesmo  $\phi$ , e que é isso que resulta na estrutura – coisa que foi dada de cara pelo primeiro passo feito por Freud, o de ter-se dado conta de que há o Real no Simbólico –, quando nos instrumentalizamos do inconsciente, o que temos? Os limites do ciframento possível, porque o sentido é sempre sexual e o sonho se depara com a inexistência da relação sexual, ele não dá conta do recado... os limites da interpretabilidade são assinalados pela chegada do sentido que não dá conta do recado. Para concluí-lo, Lacan dá o segundo passo: sublinha que a palavra “limite”, aqui, é aquela que vale para a matemática, como em “limite de uma função, como limite de um número real” e que quer dizer, em matemática, “que independente do aumento da variável – ela pode aumentar o quanto quiser –, a função não passará de certos limites”<sup>7</sup>. Com efeito, limite, em matemática, é o valor para onde vai uma assíntota, e uma função é assintótica quando gradativamente vai dependendo menos de sua variável: o sentido, em nosso caso. O sentido – que é sexual – fracassa porque sempre fracassa a *Verhältnis* (relação sexual) enquanto escrita, razão que impede seu ciframento – por isso acordamos.

[1] FREUD, S. c) Die okkulte Bedeutung des Traumes [1925]. Einige Nachträge zum ganzen der Traumdeutung. Gesammelte Werke, Frankfurt a.M., Fischer Taschenbuch Verlag, v. I, p.569-575, 1999.

[2] Id., ibid., p.562.

[3] LACAN, J. Le Séminaire, Livre XXI: Les non-dupes errent [lição de 20 de novembro de 1973]. Inédito.

[4] FREUD, S. a) Die Grenzen der Deutbarkeit [1925]. Einige Nachträge zum ganzen der Traumdeutung. Gesammelte Werke, Frankfurt a.M., Fischer Taschenbuch Verlag, vl. I. p.561-564, 1999. p.564.

[5] LACAN, J. Préface à l'édition anglaise du Séminaire XI [17/05/1976]. In : \_\_\_\_\_. Autres Écrits. Paris: Seuil, 2001. p. 571.

[6] LACAN, J. Le Séminaire, Livre XXI: Les non-dupes errent [Lição de 13 de novembro de 1973].

[7] LACAN, J. Le Séminaire, Livre XXI, op. cit., lição de 20 de novembro de 1973.

## **AOS MEMBROS DA EPFCL: NORMAS PARA ENVIO DOS RESUMOS DOS TRABALHOS**

Os interessados em apresentar trabalhos deverão encaminhar o resumo junto com o comprovante do depósito bancário para o e-mail [comissaocientifica2011@gmail.com](mailto:comissaocientifica2011@gmail.com), de acordo com as seguintes instruções:

Texto em arquivo formato Word versão 2003 ou superior

Arquivo contendo duas páginas

Folha de rosto com o título do trabalho, nome completo do autor, sua instituição, formação e e-mail.

Folha do argumento apenas com o título do trabalho e o resumo, contendo a contextualização do tema e objetivo do trabalho, deve limitar-se a 2000 caracteres.

Envio do resumo até 10 de setembro.

### **SUGESTÃO DE SUB-TEMAS A SEREM DESENVOLVIDOS**

A interpretação dos sonhos;

Interpretação e transferência;  
Interpretação e construção em análise;  
A função e os efeitos da interpretação;  
A função do silêncio;  
Interpretação e equívoco;  
Citação, enigma, pontuação, corte e retificação subjetiva;  
O dito e o dizer na interpretação;  
O dizer apofântico;  
A interpretação nos discursos;  
A interpretação no discurso do psicanalista: a/2;  
Interpretação e alíngua;  
A interpretação e a letra;  
A dimensão simbólica e real da interpretação;  
Interpretação e poesia;  
A Interpretação na clínica com psicótico;  
A interpretação na clínica com criança;  
A interpretação na psicanálise em extensão.

### **PROPOSTAS DE TRABALHO PARA O ESPAÇO ESCOLA**

Esta modalidade é aberta a todos os participantes de CARTÉIS inscritos na Escola, assim como aos membros da EPFCL-Brasil.

O resumo do trabalho deve ter entre 8 a 15 linhas, letra 12, especificando tratar-se de trabalho de cartel ou trabalho sobre questões da Escola. Enviar até o dia 19 de setembro para [japs@svn.com.br](mailto:japs@svn.com.br) / [bertas@uol.com.br](mailto:bertas@uol.com.br)